

RESENHA DE / REVIEW OF

PROSSER, Simon. *Experiencing time*. Oxford: Oxford University Press, 2016. 240 Pages. ISBN: 9780198748946

César Fernando Meurer *

Social-Brains Reseach Group/Unisinos & Unilasalle Canoas

RESUMO: *Experiencing time* (Prosser, 2016) é um daqueles livros que conjugam densidade e clareza com elegância. A presente resenha oferece um corte pelo núcleo da obra, tratando de evidenciar como o autor enfrenta a questão do tempo no campo da metafísica e, na continuidade, no âmbito da filosofia da mente. Para ele, o mundo é um bloco quadridimensional (teoria B do tempo) e a experiência temporal é ilusória.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Experiência temporal; Ilusões; Quadridimensionalismo

ABSTRACT: *Experiencing time* (Prosser, 2016) is one of those books that combine density and clarity with elegance. This review exposes the hard-core of the work, showing how the author handles time on metaphysical grounds and then within the philosophy of mind. For him, the world is a four-dimensional block (B-theory of time), and temporal experience is an illusion.

KEYWORDS: Time; Temporal experience; Illusions; Four-dimensionalism

REALIDADE E EXPERIÊNCIA TEMPORAL

[REALITY AND TEMPORAL EXPERIENCE]

Permita-me iniciar com uma citação direta, a fim de indicar logo o foco da obra:

Our engagement with time is a ubiquitous feature of our lives. We are aware of time on many scales, from the briefest flicker of change to the way our lives unfold over many years. But to what extent does this engagement reveal the true nature of temporal reality? To the extent that temporal reality is as it seems, what is the mechanism by which we come to be aware of it? And to the extent that temporal reality is not as it seems, why does it seem that way? These are the central questions addressed by this book (Prosser, 2016, p. ix).

Essas questões são centrais não apenas para o livro de Prosser, mas também para duas áreas da filosofia: metafísica (natureza da realidade temporal) e filosofia da mente (experiência temporal). Por conta de suas preferências metafísicas, Prosser se vê no compromisso de desenvolver certa filosofia da mente. Explico: no que tange a natureza

* *Doutor em filosofia. Postdoctoral Visiting Scholar no Departamento de Filosofia da Università Degli Studi di Milano, Itália. m@ilto: cfmeurer@yahoo.com.br*

da realidade temporal, ele adere à teoria B do tempo. Segundo essa visão, lemos no prefácio do livro, “the apparently dynamic quality of change, the special status of the present, and even the passage of time are illusions. Instead, the world is a four-dimensional space-time block, lacking any of the apparent dynamic features of time” (p. ix).

Ora, a filosofia da mente que combina com essa visão precisa tentar dar conta dessas ilusões. Esse é um empreendimento pesado, penso eu. Não obstante, o autor de *Experiencing time* se mostra convicto da viabilidade desse projeto. No entendimento dele, a experiência temporal é a principal justificativa para aceitar a teoria A do tempo e, conseqüentemente, mostrar que tal experiência é ilusória significa ganhar pontos para a teoria B. Prosser é enfático: se não houvesse o fator ‘experiência temporal’, dificilmente alguém seria a favor da teoria A do tempo (Cf. Prosser, 2016, p. 59). Se removermos as raízes experienciais, por assim dizer, o que resta da teoria A já não constitui alternativa genuína à teoria B (Prosser, 2016, p. 23).

No que segue, vou apresentar o assunto de cada um dos sete capítulos do livro. Devo me alongar um pouco ao falar do capítulo 2, que contém o argumento principal do livro. Também o capítulo 6 vai receber uma apresentação mais detalhada. Nele, o autor propõe uma estratégia argumentativa específica para dar conta das ilusões mencionadas acima.

O capítulo “1. Introduction: the metaphysics of time” apresenta elementos-chave do debate metafísico sobre o tempo. Em linguagem clara, conceitualmente precisa e enriquecida com algumas excelentes ilustrações, Prosser (2016, p. 01-21) situa as principais ideias em torno das teorias A e B. O leitor familiarizado com essa literatura não encontra novidades nesse capítulo.

O capítulo “2. Experience and the passage of time” (p. 22-60) apresenta o argumento principal do livro. Prosser problematiza uma ideia que muitos consideram indubitável: *A experiência nos diz que o tempo passa*. De acordo com diversos estudiosos (ele cita Eddington, 1928; Williams, 1951; Schuster, 1986; Schlesinger, 1991; Davies, 1995 e Craig, 2000) essa é a principal razão, senão a única, para aceitar que *há passagem objetiva do tempo*.

Prosser considera que essa inferência – da experiência temporal para a realidade temporal (*Se percebo que o tempo passa, então o tempo realmente passa*) – é problemática. Veja-se estas queixas: “The distinction between the A-theory and the B-theory is supposed to be a distinction in *metaphysics*; yet we are being told that one side of the debate is motivated by the nature of experience, and thus argues its case on *empirical* grounds” (p. 23). “There is something very odd about being told that a metaphysical debate can be settled by *just looking* (or *just experiencing*, at any rate)” (p. 23).

Para falsear essa inferência, que é do tipo $P \rightarrow Q$, o autor procura mostrar que o antecedente é falso. Efetivamente, para ele, “[...] passage of time is not an empirical phenomenon. No matter what our experience seems to be telling us, we do not, and cannot, veridically experience the passage of time” (p. 23).

Eis, pois, a tese principal da obra: nenhuma experiência pode nos proporcionar uma razão genuína para acreditar que objetivamente o tempo passa. Mais que isso, se houvesse passagem do tempo, seria impossível experienciá-la. Logo, não há qualquer elemento empírico a favor da teoria A. Todos os capítulos subsequentes procuram oferecer razões a favor dessa visão. Leio-os como um esforço minucioso no sentido de cortar as raízes empíricas da teoria A.

No capítulo “3. Attitudes to the past, present, and future” (p. 61-83), Prosser desloca o foco para um tópico correlato: a semântica de sentenças com predicados

temporais tais como ‘é passado’, ‘é futuro’. Para o autor, é um equívoco pensar que esses predicados atribuem propriedades teóricas A.

Os capítulos “4. Experiencing rates and durations” (p. 84-116), “5. Is experience temporally extended?” (p. 117-159) e “6. Why does change seem dynamic?” (p. 160-186) giram em torno da hipótese segundo a qual a nossa experiência temporal está conectada com a maneira como nós experienciamos mudanças [change]. A ideia básica é esta: nós cremos que experienciamos mudanças de maneira dinâmica pois representamos os objetos equivocadamente. “The experienced dynamic quality comes about because experience represents objects as enduring (in the sense of ‘endurance’ that contrasts with perdurance or stage theory)” (Prosser, 2016, p. 160).

O percurso argumentativo de Prosser pode ser esquematizado em alguns passos (essa esquematização é interpretação minha):

Passo 1: Sustentar que todas as experiências perceptuais têm conteúdo representacional.

Passo 2: Defender que a explicação do aspecto dinâmico da mudança [change] deve ser feita em termos de conteúdo representacional.

Passo 3: Considerar que é suficiente, para essa explicação, (3a) apresentar o conteúdo representacional e (3b) explicar por que a experiência em exame tem tal conteúdo representacional. Para tanto, o autor introduz o que chama *Princípio da explanação representacional*: “To explain why change is experienced as dynamic it is sufficient to state the representational content of the relevant element of experience and explain why it has that representational content” (Prosser, 2016, p. 163).

Por que é suficiente focar no conteúdo representacional? Resposta direta: Prosser entende que a ilusão está na disparidade entre realidade e conteúdo representacional. Assim, o foco deve ser posto ali, no conteúdo representacional. Quer isso significar que uma explicação do caráter fenomênico *per se* não se faz necessária nesse caso.

Passo 4: Operacionalizar o princípio da explanação representacional. Nas palavras do autor,

My methodological proposal, then, is that we replace the question ‘why does change seem dynamic?’ with two questions: firstly, ‘what is the representational content of the element of experience that we associate with change seeming dynamic?’ and secondly, ‘why is that content represented?’ (Prosser, 2016, p. 164).

Passo 5: Defender que o aspecto dinâmico da mudança é ilusório por conta da maneira que nós representamos objetos. Inadvertidamente, nós representamos as coisas (os objetos do mundo) pelo viés endurantista, e não perdurantista (p. 172 e p. 180-181). Eis, segundo o autor, o núcleo da ilusão que nos faz acreditar que experienciamos a passagem do tempo: “the representation of something enduring *through* a change is a key element in the phenomenology of temporal passage” (Prosser, 2016, p. 186).

A pergunta óbvia, diante dessa afirmação, é: Por que nós representamos objetos pelo viés endurantista? “This saves computational power, [...] and also has the advantage that an object briefly obscured from view continues to be perceived as the same object” (Prosser, 2016, p. 183). Representar *um* objeto inteiramente presente em vários momentos sucessivos é mais econômico; o cérebro guarda *uma* representação (um arquivo mental ou ‘mental file’ – cf. Recanatti) que vai sendo atualizada com o passar do tempo, na medida em que mudanças acontecem. Segundo o autor, é esse erro endurantista, por assim dizer, que nos faz crer (falsamente) que experienciamos um

aspecto dinâmico na mudança. Na realidade, não há qualquer aspecto dinâmico.

No capítulo “7. Moving through time, and the open future” (p. 187-205), Prosser examina a ideia de que nós nos movemos no tempo e, também, a ideia de que o futuro não está determinado. Na visão dele, nós representamos a nós mesmos também pelo viés endurantista (cf. os parágrafos anteriores, acima). A partir dessa referência – uma ilusão que, no caso da autorrepresentação nem sempre é consciente –, chegamos a conclusão de que nos movemos no tempo, por assim dizer, na direção de um futuro aberto.

O livro *Experiencing time* é interessante por diversos motivos, dentre os quais: a) o texto é claro, rigoroso e envolvente; b) é uma excelente porta de acesso ao debate filosófico contemporâneo em torno do tempo, tanto no campo da metafísica quanto da filosofia da mente; c) há esforço argumentativo em diferentes níveis; d) a discussão vai muito além da disputa em torno da teoria A ou B do tempo. Em síntese, uma excelente publicação que merece ser conferida.